

**AMBIENTES QUE EDUCAM: ESTÉTICA ESCOLAR E SUA
POTÊNCIA NA FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE RACIAL
POSITIVA**

Isadora Silva de Oliveira Mandacary¹
Priscila de Moraes Ferreira²
Fernanda Silva de Oliveira Costa³

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar exerce papel fundamental no desenvolvimento das crianças, sendo um dos primeiros espaços coletivos em que elas constroem vínculos, percepções de si e dos outros, e formam suas identidades. Nesse contexto, torna-se urgente refletir sobre a forma como os espaços educativos acolhem, ou negligenciam, a diversidade étnico-racial presente na sociedade brasileira. Ainda é comum encontrarmos ambientes escolares que, mesmo bem intencionados, reproduzem padrões estéticos e simbólicos excludentes, invisibilizando narrativas negras e limitando as possibilidades de construção de uma identidade racial positiva para crianças negras.

O ingresso em um ambiente alfabetizador é essencial para o processo de aprendizagem das crianças, que estabelecem vínculos com os espaços a partir da forma como são acolhidas. A qualidade dessas interações influencia diretamente o modo como a criança se percebe e se posiciona no mundo. A formação de uma identidade étnico-racial saudável na infância está diretamente relacionada às experiências vividas nesses espaços. Quando estes se apresentam como ambientes afetivos, representativos e intencionalmente antirracistas, contribuem não apenas para o fortalecimento da autoestima das crianças negras, mas também para a construção de uma convivência mais equitativa entre todas as crianças. Nesse sentido, a escola assume um papel estratégico no enfrentamento das desigualdades raciais e na promoção de práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade cultural.

Esta pesquisa nasce das vivências e inquietações de três educadoras negras,

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e Especialista em Inovação na Educação Mediada por Tecnologias da Universidade Federal do ABC - UFABC, oliveira.isa1990@gmail.com;

² Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, priscila.demoraes@yahoo.com.br;

³ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Veiga de Almeida – UVA e Especialista em Educação Bilingüe da Unidondosco, fernandaoliveira064@gmail.com



atuantes em diferentes contextos educacionais (rede pública e privada), que a partir de suas trajetórias, reconhecem a urgência de transformar os espaços escolares em ambientes que afirmam e valorizam a identidade negra desde os primeiros anos de escolarização.

Para a realização deste estudo, optou-se por desenvolvê-lo na turma do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, denominada como Ginásio Educacional Tecnológico (GET) Ministro Plínio Casado, que fica localizada no bairro Brás de Pina, na zona norte do Rio de Janeiro, onde Priscila Ferreira, uma das autoras do presente artigo, atua como professora desde 2020. A escolha dessa turma como campo investigativo foi motivada por aspectos práticos e pedagógicos que favorecem a condução da proposta. Trata-se de um espaço no qual a educadora possui vínculo consolidado com as crianças, o que possibilita a construção de relações de confiança e escuta qualificada, fundamentais para o desenvolvimento de práticas sensíveis à identidade racial. Além disso, o contexto escolar em que está inserida proporciona maior autonomia didático-pedagógica, permitindo a implementação de ações intencionais voltadas à transformação do ambiente físico e simbólico da sala de aula. A flexibilidade na organização do tempo e do espaço, aliada ao compromisso institucional com a escuta e a valorização da diversidade, configura-se como um facilitador para o desenvolvimento de práticas antirracistas contínuas e alinhadas aos objetivos desta pesquisa. Esse cenário favorece a criação de um ambiente educativo que não apenas reconhece, mas afirma a identidade negra das crianças, promovendo o fortalecimento de uma autoestima positiva e de uma consciência racial crítica desde os primeiros anos de escolarização.

Muitos ambientes escolares ainda seguem padrões visuais genéricos e monoculturais, descolados da realidade das crianças negras. A ausência de materiais pedagógicos representativos e o apagamento do protagonismo negro comprometem o processo de pertencimento e reconhecimento de si. Este trabalho propõe, portanto, a transformação intencional desses espaços a partir da inserção de elementos visuais, narrativas e práticas pedagógicas que dialoguem com a vivência das crianças, com vistas ao fortalecimento de uma identidade racial positiva. Assim, o objetivo deste estudo é investigar como a construção de um ambiente educativo antirracista pode contribuir para o fortalecimento de uma identidade racial positiva em crianças negras do 2º ano do Ensino Fundamental. A partir de uma abordagem qualitativa e de base teórico-crítica, busca-se analisar os efeitos de práticas pedagógicas voltadas à representatividade negra e à



valorização da diversidade étnico-racial no cotidiano escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo está fundamentado em uma base teórica que compreende a escola como um espaço estratégico na formação de identidades. Dialoga com Nilma Lino Gomes (2017), que enfatiza a importância da escola na construção de uma identidade racial positiva; com bell hooks (2013), que defende uma educação crítica e libertadora, ancorada no afeto e no compromisso político com a transformação social; e com a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, como instrumento de valorização da identidade negra e de enfrentamento ao racismo estrutural. Soma-se a esse referencial a contribuição de Magda Soares (2016), cuja concepção de ambientes alfabetizadores ressalta a importância de contextos ricos em linguagem, significados e interações sociais. A autora defende que alfabetizar vai além do domínio técnico da leitura e escrita, sendo um processo que também envolve a construção de sentidos e da identidade dos sujeitos. Essa perspectiva fortalece o entendimento de que práticas alfabetizadoras precisam ser representativas e culturalmente situadas, especialmente para crianças negras.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se insere no campo da abordagem qualitativa, orientada por uma perspectiva teórico-crítica e antirracista, centrada na compreensão de processos educativos que contribuem para a construção de uma identidade racial positiva na infância. Parte-se do entendimento de que os sujeitos constroem significados sobre si e sobre o mundo a partir das experiências vividas nos espaços sociais, sendo a escola um lugar estratégico para essa constituição.

As ações foram desenvolvidas no cotidiano de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal, com base na observação participante e no exercício reflexivo da prática pedagógica. A professora-pesquisadora atuou de forma contínua junto às crianças, realizando registros sistemáticos em diário de campo e documentação fotográfica, além de ter promovido a escuta e análise das produções infantis, tais como desenhos, falas espontâneas, atividades escritas e interações durante as propostas realizadas.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conjunto de práticas pedagógicas intencionais foi elaborado com o objetivo de transformar o ambiente educativo em um espaço representativo, afetivo e afirmativo da identidade negra. Entre as ações destacam-se a criação de uma caixa intitulada de “Vozes Negras” que circula semanalmente entre os lares das crianças contendo imagens de pessoas negras de relevância histórica e social em diferentes áreas (ciência, arte, educação, política, esporte etc), com a intenção de ampliar o repertório de referências e de reafirmar que pessoas negras ocupam, historicamente e na atualidade, lugares de potência, criatividade e liderança. Em casa, com o apoio das famílias, as crianças pesquisam sobre a personalidade recebida e posteriormente compartilham o que aprenderam com os colegas, fortalecendo laços afetivos, memória coletiva e protagonismo. A culminância dessas pesquisas gera os dados utilizados na criação do alfabetário ilustrado que é exposto em uma das paredes da sala, contendo personalidades negras em cada letra do alfabeto, oferecendo múltiplas referências positivas às crianças. As atividades gráficas também foram ressignificadas a partir de um viés étnico-racial. Foram incorporados conteúdos imagéticos afroreferenciados, com inserção de trechos musicais e biografia adaptada, permitindo que os conteúdos curriculares dialoguem com a valorização da identidade negra. Nos espaços físicos da escola, ações de ambientação também foram mobilizadas como parte da proposta pedagógica. Os corredores passaram a contar com elementos visuais relacionados à temática racial, como a representação da árvore baobá, símbolo de ancestralidade africana e resistência, com conversas reflexivas anteriores com abordagens metafóricas que estimularam que as crianças se reconhecessem como sementes que crescem e se espalham pelo mundo, fortalecendo vínculos identitários e a valorização da autoimagem. Além disso, foi instalado um espelho na parte externa da sala de aula, inspirado no livro “Ei, você!” de Dapo Adeola, com a proposta “Eu me vejo, eu me aceito”, convidando as crianças ao exercício do autorreconhecimento e da valorização de sua imagem. Outra proposta realizada foi o “Passaporte para o Futuro”, que teve como objetivo incentivar as crianças a sonharem com o futuro e se reconhecerem como protagonistas de suas próprias histórias. A atividade começou com uma roda de conversa para levantar as profissões que desejam exercer quando crescerem e realização de registros fotográficos. Com o apoio de um



aplicativo de Inteligência Artificial, as imagens das crianças foram transformadas em suas versões adultas, representando as profissões escolhidas. O vídeo produzido despertou encanto e ampliou o repertório sobre diferentes possibilidades de atuação. A proposta reforça que a criança negra pode sonhar, realizar e ocupar todos os espaços que desejar. Posteriormente, foi criado um mural confeccionado com as imagens do vídeo, dando visibilidade diária a esses sonhos. A sala de aula também passou a contar com cantinhos de leitura com literatura afroreferenciada, promovendo o contato constante com histórias, personagens e autores negros. Cartazes com gravuras dos livros trabalhados foram dispostos nos murais, contribuindo para a ambientação e permanência simbólica das narrativas no cotidiano escolar.

As ações transformaram a sala em um ambiente que educa pela representatividade e pela escuta sensível, fortalecendo a autoestima, o sentimento de pertencimento e a consciência racial das crianças. A análise dos registros evidenciou que as crianças passaram a se sentir mais seguras ao vivenciar situações de preconceito, compreendendo que não há nenhum problema com elas, mas sim nas limitações e visões distorcidas de quem pratica o ato discriminatório. Essa mudança de percepção possibilitou respostas mais firmes, posicionamentos conscientes e afirmação identitária com convicção. Tais resultados dialogam com Gomes (2017), ao afirmar que a identidade racial positiva se consolida na presença de referências negras visíveis e valorizadas, e com hooks (2013), que defende práticas educativas afetivas e politicamente comprometidas como caminhos para ampliar a autonomia e a capacidade crítica das crianças. Observou-se ainda uma ampliação dos horizontes de futuro: elas passaram a expressar com entusiasmo diferentes possibilidades profissionais, em consonância com a concepção de ambientes alfabetizadores culturalmente situados proposta por Soares (2016). Por fim, o impacto das ações extrapolou a turma, inspirando outros docentes a incorporarem elementos estéticos e pedagógicos semelhantes, o que sinaliza um movimento coletivo em direção a uma cultura escolar mais representativa e antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um ambiente educativo antirracista exige do educador um compromisso ético, político e afetivo com a infância. Esse compromisso passa pela revisão de materiais, pela ambientação da sala de aula, pelas escolhas curriculares e,



sobretudo, por uma escuta atenta às narrativas que emergem no cotidiano. Ao romper com padrões monoculturais e promover a valorização da cultura afro-brasileira, o espaço escolar torna-se fértil para o florescimento de subjetividades negras fortalecidas e autônomas.

O estudo reafirma que práticas pedagógicas antirracistas não beneficiam apenas as crianças negras, mas colaboram para uma convivência mais justa entre todas as crianças, contribuindo para a construção de uma sociedade que reconhece e valoriza sua diversidade. Assim, cultivar espaços de aprendizagem que celebrem a pluralidade é também um ato de resistência, reparação histórica e cuidado com o futuro.

Palavras-chave: Ambiente Educativo Antirracista, Educação Antirracista, Infâncias, Identidade Racial Positiva, Representatividade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. *Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.* Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador.* Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.* Tradução de Sandra Regina G. de Lima. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos.* 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

